

# PERFORMANCES TEATRAIS NOS GERAIS E OUTRAS EXPRESSÕES DAS TERRITORIALIDADES GERAIZEIRINHAS<sup>1</sup>

Jonielson Ribeiro de Souza (EEEM/MG)

Palavras chave: Comunidades Geraizeiras; Crianças; Teatro.

## Introdução

Este artigo apresenta reflexões sobre como crianças e adolescentes de comunidades geraizeiras que enfrentam conflitos socioambientais, expressam suas vivências territoriais por meio de práticas teatrais e etnográficas. O texto sintetiza análises contidas na tese do autor (Souza, 2024), fruto de pesquisa de doutorado em Performances Culturais, ocorrida entre 2019 e 2023<sup>2</sup>. As comunidades estudadas são Água Boa 2, Baixa Grande, Moreira e Sobrado, todas pertencentes ao município de Rio Pardo de Minas (norte do estado de Minas Gerais).

Essas comunidades, assim como dezenas de outras da região, sofreram diversos impactos ambientais, como a escassez hídrica, por exemplo, e expropriações territoriais provocados pela implantação desordenada de monocultivos de eucalipto a partir da década de 1970. Em algumas delas, como Água Boa 2 e Sobrado, tais consequências negativas ao meio foram intensificadas por empreendimentos diversos ocorridos durante a década de 1990 (Souza, 2017). Esse processo é caracterizado por rupturas com os modos de vida tradicionais, relegando as comunidades à uma situação chamada de encurralamento. Ou seja, as famílias geraizeiras foram confinadas nas áreas "de baixa", impedindo-as do acesso às chapadas (altiplanos de serras e morros), onde foram implantados, de forma predominante, os monocultivos da planta exótica (Nogueira, 2017). As chapadas, que são consideradas a "caixa d'água do Cerrado", eram os locais onde tradicionalmente os geraizeiros realizavam a solta do gado e o extrativismo de espécies vegetais nativas.

A pesquisa se situa num contexto em que dezenas dessas comunidades acumulam décadas de luta em prol da retomada territorial, proteção e restauração do meio

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

<sup>2</sup> Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais (PPGPC/FCS/UFG).

ambiente local e reconhecimento identitário<sup>3</sup>. A partir do início da década de 2000, várias delas começaram a protagonizar enfrentamentos diversos, através de protestos, paradas de máquinas, processos de autorreconhecimento e autodemarcação territorial, dentre outros. São ações e processos organizativos apoiados por instituições diversas como sindicatos de trabalhadores rurais, ong's, universidades, movimentos sociais do campo, como o MST e Indígenas, etc. As crianças e adolescentes dessas comunidades participam desses processos, nos quais estão presentes em diversas manifestações artísticas, culturais e ritualísticas, pelas quais expressam as relações territoriais que estabelecem com o meio onde vivem.

No percurso teórico metodológico, lancei mão de diversas perspectivas que aqui culminam no que estamos chamando de etnografia performativa (Souza; Nogueira, 2021; Hartmann; Souza; Castro, 2020). Esta é uma proposta que surge a partir do desenvolvimento da compilação de pontos de vista metodológicos como a do etnoteatro (Salgado, 2011, 2013), da pesquisa performativa (Haseman, 2015) e da etnografia propositiva (Hartmann, 2017). As atividades de campo foram compostas por oficinas de iniciação teatral e mostras de resultados cênicos, aliadas a caminhadas e “participação observante” (Souza; Sauer, 2020). As performances teatrais estudadas se desenvolveram de modo aliado a outras práticas etnográficas, como caminhadas, encontros com moradores e lideranças e participação em eventos organizativos, festividades e rituais religiosos. Contribuíram com as reflexões breves memórias de minha infância e juventude pelos territórios dos Gerais, notadamente na comunidade Sobrado, do qual minha família tem origem, o que denota minha autoidentificação enquanto geraizeiro.

As oficinas de iniciação teatral ocorreram em cada uma das comunidades estudadas, entre fevereiro de 2021 a julho de 2022. Contaram com uma carga horária de aproximadamente 40 horas cada, com a participação de 5 a 15 geraizeirinhos e geraizeirinhas, com idades entre 5 e 15 anos. A realização das oficinas tinha o intuito de ampliar e aprofundar a experiência ocorrida em Sobrado, onde ministrei uma oficina de iniciação teatral com crianças e adolescentes do lugar no ano de 2016<sup>4</sup>. Esta deu origem ao esquete “Salve, salve nossa terra!”, que conta a história de luta da própria

---

<sup>3</sup> Água Boa 2, Moreira e Sobrado tiveram sua tradicionalidade geraizeira formalmente reconhecida no ano de 2017. A de Baixa Grande está em fase de conclusão.

<sup>4</sup> A oficina ocorreu durante o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais – MESPT/CDS/UNB, cuja pesquisa tinha foco nas questões fundiárias do município e suas relações com as lutas pela retomada territorial das comunidades geraizeiras, cujos resultados constam em minha dissertação (Souza, 2017). Mais reflexões sobre esta experiência constam também em nosso artigo (Souza, Hartmann, Nogueira, 2021) e em minha tese (Souza, 2024).

comunidade pela retomada territorial e proteção ambiental do lugar. Contudo, como veremos, no decorrer das práticas teatrais fui percebendo algumas limitações no que se refere ao alcance mais substancial dos elementos de identificação e relação com os territórios por parte das crianças, o que me levou a adotar um olhar mais atento às vivências delas – e com elas – em situações extra oficinas. Necessário se faz notar também que grande parte do trabalho de campo ocorreu durante a pandemia do COVID-19<sup>5</sup>, o que levou a necessidade de adequações das atividades tendo em vista os protocolos de segurança.

O sentido de performance aqui desenvolvido vai ao encontro de perspectivas que percebem os atos performáticos enquanto processos capazes de gerar transformações, sejam individuais ou sociais, transitórias ou permanentes, tanto em quem os executa como em quem os assiste (Turner, 2008; Schecnher, 2011). As análises constataam que as performances executadas, além de expressarem territorialidades próprias dos pequenos, demonstram capacidade de proporcionar aos mesmos um aprofundamento dos vínculos com os processos de luta de suas comunidades. Por outro lado, as formas expressivas dessas territorialidades geraizeirinhas são acionadas nos mais diferentes espaços de convivência dos pequenos, como a escola, eventos religiosos e culturais e caminhadas, sendo capazes de ampliar a difusão dos aspectos relacionados às percepções sociais da territorialidade e identidade geraizeira.

### **Geraizeirinhos em cena: a comunidade é o palco e (guia) o enredo**

Nas próximas partes deste texto, faço breves relatos das oficinas ocorridas em cada uma das comunidades estudadas, com análises sobre como as expressões das territorialidades das crianças guiaram reflexões e práticas<sup>6</sup>.

Em Baixa Grande, que dista vinte e cinco quilômetros da sede urbana do município de Rio Pardo de Minas, a oficina ocorreu entre fevereiro a agosto de 2021. Frequentaram em torno de quinze crianças e adolescentes, com idades entre 07 e 15 anos. Eu não tinha em mente uma forma alternativa definida de como realizar uma oficina teatral em meio a uma pandemia, por isso foi com muito receio que conversei com mães e pais dos interessados sobre a proposta. Foi por ideia das próprias mães e

---

<sup>5</sup> O covid-19 é uma doença respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2. Foi classificada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no mês de março de 2020, e contaminou mais de 655 milhões de pessoas em dezenas de países, com o maior número de casos nos Estados Unidos.

<sup>6</sup> Exceto em Sobrado, cuja experiência ocorreu em outra situação de pesquisa, como já dito.

pais que chegamos à ideia de realizar os encontros de quinze em quinze dias, com no máximo uma hora e meia de duração e de modo que o meu papel, a cada dia, seria basicamente o de repassar atividades individuais, para serem apreciados e discutidos no encontro seguinte. A ideia de um trabalho por via remota foi descartada logo no início das discussões, já que, dentre as crianças interessadas, muitas não tinham acesso ao aparelho de celular ou a internet, como disseram as mães.

Começamos a oficina propriamente no dia 20 de fevereiro. No entanto, logo depois do segundo encontro tivemos que interromper os trabalhos por 54 dias devido ao agravamento das contaminações do coronavírus na região, o que colocou o município na categoria de “Onda roxa”, a situação mais crítica de transmissão do coronavírus até aquele momento. Depois dessa pausa, retomamos os encontros quinzenais até julho, tendo realizado nesse formato um total de seis encontros. Em um contexto com tantas pausas entre encontros e em meio a uma pandemia, o ritmo e o fluxo das atividades ficaram comprometidos. O trabalho com repasses de atividades, para funcionar, dependia de certo grau de autonomia dos participantes que, pelo andar do processo, não houve condições de desenvolver. As dinâmicas, realizadas de modo adaptado para evitar contato físico entre os integrantes, também geravam pouco efeito na integração e envolvimento do grupo. Aliado a isso, continuamos com dificuldades de agenda até o final de julho.

Após a finalização de um dos encontros desta época, três dos participantes permaneceram no salão por mais um tempo e resolveram desabafar comigo algumas questões relacionadas ao andamento dos trabalhos. Dois deles, Pêu e Kêu<sup>7</sup>, falaram da falta de compromisso de muitos. Outra, a quem apelidei de “Tata”, demonstrando anseio e dificuldade na fala, introduziu outra questão: “Olha, eu não ia falar, mas eu quero falar uma coisa...”. “Fala criatura”, encorajei-a, diante de suas pausas, e ela continuou: “Eu não entendo nada de teatro, quem sou eu? Mas eu acho que você (se dirigindo a mim) devia pular umas partes, tem gente desanimando com os exercícios”. Ela se referia aos constantes alongamentos, dinâmicas e outras atividades de aquecimento, que eu sempre propunha no início dos encontros.

A partir dali avaliei então se não deveria ir mais direto à criação de cenas, ao invés de ficar esperando tanto que eles criem ou tragam algo de casa. A escuta de crianças e adolescentes participantes desses processos se faz importante não só para

---

<sup>7</sup> Todas as referências a apelidos dos participantes, contidos no texto, são fictícios, com o fim de resguardar suas identidades.

compreendê-las melhor, mas também no sentido de propor mudanças metodológicas para os trabalhos, correção de rumos, etc., reafirmando uma atitude protagonista das mesmas no seio da pesquisa. Em Hartmann (2017) vemos que a etnografia pode ter um caráter propositivo, visto que, para além da observação, é capaz de gerar situações criativas, mas a partir do desenvolvimento de uma escuta verdadeira e sensível, que corresponderia mais concretamente com o protagonismo infantil.

Enquanto refletia em como prosseguir com as atividades na comunidade, recebi pelo Whatsapp, um pedido de uma liderança religiosa do lugar para desenvolvermos uma peça teatral para apresentação na noite cultural da “Semana da Família”, um evento religioso organizado pela Pastoral Familiar, a ser realizado no mês de agosto. Entendi que poderia ser uma oportunidade para reanimar o grupo e resolvi conversar com alguns deles sobre a proposta. A conversa ocorreu durante um evento de pesagem da Pastoral da Criança, no salão da comunidade, no qual alguns deles estariam ali para contribuir. Eles manifestaram interesse com a peça, mas questionei sobre a dificuldade que estavam tendo com agendamentos. Nesse ponto, “Pêu” disse: “acho que você tem que impor a data e pronto, se não o povo vai ficar enrolando”, se referindo a minha constante prática de em quase tudo ficar propondo debate, incluindo as datas para encontros. Na sua visão, eu poderia ser mais impositivo em algumas situações. Este foi mais um ponto levantado por eles ao qual levei em consideração.

Na mesma conversa, surgiu novamente uma questão que me faziam desde o início dos trabalhos: “O que mesmo iremos apresentar?” Em resposta, eu procurava manter viva a ideia de construção coletiva. Tata retrucou, dizendo que certa vez: “fizemos uma peça em três dias, só que ele (o organizador do trabalho) chegou com a peça pronta.” Pêu reforçou: “não damos conta de montar sozinhos”. Essas falas, que foram ditas de forma muito firme pelos adolescentes, me fez pensar sobre o significado da autonomia e do protagonismo deles. Como agir de modo a não perder esses elementos de vista? Como garantir o desenvolvimento da autonomia, no sentido criativo, diante de uma postura tão resistente ao processo de criação coletiva?

No encontro seguinte, em trabalho de mesa, estimulei-os a levantarem propostas de dramaturgia. Apesar da insistência de alguns em quererem o texto pronto, vivenciamos momentos em que puderam propor temas e situações cênicas. Quanto a decisão deles de que a peça devia falar sobre o tema família (as lideranças que propuseram a apresentação não indicaram obrigatoriedade de centralidade nesse tema),

veio com a consciência de que tínhamos que começar o trabalho do zero, mesmo com tão pouco tempo para criação e ensaios.

Para suscitar ideias, ainda à mesa sugeri que falassem sobre os problemas familiares que observavam na comunidade. Pêu falou que “tem muita mentira” que há pessoas que “são intrometidas demais, tem muito fuxico, o povo é farrista demais”, se referindo as constantes fofocas. “Tem muitas *fakes*”, reforçou outra. Depois falaram sobre questões como traições, alcoolismo, agressividade, desunião, briga sem reconciliação, falta de atenção, falta de Deus, desobediência, teimosia, falta de respeito. Com esse leque de possibilidades de conflitos, pedi que, em duplas, escolhessem algumas dessas para elaborem situações, a partir das quais seriam criadas cenas.

Eles próprios se dividiram em grupos de meninas e meninos. A equipe dos meninos, que acabou formando um trio devido a não haver número par entre eles, escolheu o tema do alcoolismo associado à agressividade. As duplas das meninas escolheram falta de atenção, fofocas e desavenças entre irmãs. Após eu os ter auxiliado na elaboração de situações a partir de cada temática, partiram para elaboração das cenas, para as quais utilizaram tanto de improviso quanto a elaboração prévia de falas. Mesmo diante do trabalho se desenrolando, Tata voltou a insistir no texto pronto, já que teríamos tão pouco tempo. Pedi então que me mostrasse o que tinham produzido, depois do que perguntei a ela o porquê de tanta resistência com a criação das próprias cenas e texto, já que o que fizeram era muito promissor. Eu disse que o texto poderia ser quase que praticamente o que saiu nas improvisações, ao que pude perceber em seu rosto, como reação, um semblante de satisfação, assim como no de sua parceira, apelidada de “Ane”.

A partir das propostas apresentadas, organizei o texto em três cenas principais, que representam os blocos temáticos mais destacados pelos participantes. A primeira é a cena do bar, proposta pelos meninos, na qual mantivemos os aspectos do alcoolismo e da agressividade intrafamiliar, principalmente contra mulher e crianças. Na segunda cena, trabalhamos a dimensão da fofoca, que cumpre também a função narrativa e de ligações entre as cenas. A última é a das irmãs, que foca em conflitos familiares relativos a divisões de herança e ausências nos cuidados com os pais, já idosos.

A apresentação ocorreu no dia 14 de agosto, durante a noite cultural. O evento teve início com o culto e após o jantar – que tinha farofa, arroz e frango cozido – e com salão já preparado, reuni com os atrizes e atores a um canto no pátio, para uma breve concentração. Fizemos a oração do Pai Nosso e depois, o grito “um, dois, três,

MEEERDAAAA!”), fomos para o salão, com algumas das meninas muito entusiasmadas, dizendo que a parte do “Merda” foi a melhor de tudo até ali.

Após a apresentação, abri para comentários da plateia. Uma liderança comunitária se entusiasmou, destacando o que ocorrera com o menino que apelidei de Som, que era sempre muito calado, e muita gente até pensava que era mudo, mas falou seu texto na peça normalmente. Ao final da conversa fui abordado por sua mãe que, emocionada, me agradecia pelo ocorrido. O sentido da utilidade do teatro na questão da desinibição das crianças também foi muito destacado por lideranças de outras comunidades onde realizei o trabalho. Para eles, é muito importante que crianças e adolescentes vençam dificuldades em se expressar. Mais de uma vez ouvi de lideranças de Sobrado enfatizarem que certo participante da oficina era muito tímido, e agora “tá pra frente, fazendo até leitura na hora do culto”. Após esse momento de bate papo com o público, os presentes deram continuidade às festividades, com realização de bingo, fogueira e muito beiju feito na hora.

Apesar dos problemas de fluxo, ora devido à pandemia, ora devido a dificuldades de agendamentos dos participantes, desenvolvemos um processo criativo por meio de performances teatrais, musicais, de contação de histórias, jogos, exercícios e conversas. Durante o processo, foi possível perceber que são crianças e adolescentes muito atarefados, hora com afazeres domésticos, ora (e principalmente) com tarefas religiosas. Várias delas participam da catequese, da organização das missas, dos encontros da pastoral da criança e das festas religiosas. “São elas que fazem as festas”, me disse certa vez uma liderança, quando lhe perguntei como se dava a participação das crianças nessas ocasiões. Percebo que participar dessas atividades reforça os laços de pertencimento ao lugar, a comunidade e seus movimentos e identidade coletiva. Como diz Cruz (2017, p. 32) “o ajudar é entendido pelas crianças como uma forma de participar das atividades que ocorrem na Comunidade. Ajudando, as crianças aprendem as responsabilidades e valores da família e do território”.

### **Dos colos ao palco: as crianças querem o Cerrado em pé**

Na comunidade de Água Boa 2, que fica a 18 quilômetros da sede municipal, a apresentação da proposta do trabalho foi realizada em fevereiro de 2020 para parte dos moradores em uma reunião da COOPAAB (Cooperativa dos Agricultores Familiares Agroextrativistas de Água Boa). Durante o encontro, enquanto algumas crianças

brincavam pelo salão, uma moradora comentou: “nossas reuniões são sempre assim, participativas e com a presença de crianças”. Durante reflexões sobre a importância da criança na defesa do lugar e de sua memória, um morador disse que: “se deixar as crianças como estão, daqui a pouco não vão saber de nada da comunidade, vão ficar só no vídeo”. Para ele, as crianças de um modo geral estavam condenadas a aprender sobre a comunidade apenas aquilo que estiver registrado nos meios eletrônicos, sem o contato físico e sem a tradição da oralidade. Outra moradora defendeu a ideia de realizar projetos que façam sobressair a visão das crianças sobre as coisas, como a oficina. Outra liderança completou que “as crianças perderam o lugar de fala, foram podadas de falar disso (da história de luta da comunidade) na escola”. Ela se referia ao fato de que, há algum tempo, as crianças propuseram discutir sobre os conflitos socioambientais vivenciados pela comunidade na escola da comunidade, o que foi rejeitado pela direção escolar.

Em março daquele ano (2020) a pandemia do COVID-19 se instaurou no Brasil, o que impediu que eu retornasse à comunidade para dar continuidade à oficina naquele momento. Somente em agosto de 2021, com a situação da pandemia mais abrandada, é que fui recomeçar os trabalhos. Nesta época, a comunidade voltou a discutir a possibilidade de realização de alguns eventos, como a Romaria do Areião<sup>8</sup>, ainda que restrita a poucas pessoas. Nesta ocasião, uma liderança da comunidade me convidou para participar da Romaria, me perguntando também sobre a possibilidade de realizar uma apresentação teatral com as crianças do lugar, durante o evento, ao que vi como oportunidade de realizar a oficina. Na conversa com mães e pais, acordamos que os encontros poderiam ter um tempo de duração e frequência mais livre que em Baixa Grande, porém com o uso de máscaras.

Participaram da oficina em torno de 14 crianças e pré adolescentes, sendo 8 meninas, com idades entre 5 e 14 anos e 6 meninos, com idades entre 8 e 14 anos. Durante uma conversa sobre as possibilidades de montagem de algo a ser apresentado, as meninas mais novas sugeriram Chapeuzinho vermelho, histórias de princesas ou rainhas, de unicórnio, ou algo da Marvel. Destaquei que poderíamos sim contar qualquer uma dessas histórias, mas não havia unanimidade dentre aquelas opções entre o grupo. Sugeri então que fossem pensando em algo e trouxessem mais sugestões no

---

<sup>8</sup> A Romaria do Areião é uma peregrinação que a comunidade realiza anualmente, através de uma caminhada que segue do salão comunitário até o alto da chapada do Areião, numa distância de 5 quilômetros de ida.

próximo encontro. Reforcei que não deixassem de considerar algum fato ou caso sobre a comunidade, como por exemplo, a luta dos moradores pela proteção do meio ambiente e modos de vida.

No encontro seguinte, Dan, filha de uma das lideranças da comunidade, me entregou uma folha de papel de caderno contendo um texto a caneta, escrito por sua mãe, uma das lideranças locais, intitulado “História da comunidade de Água Boa 2”. O escrito resume a história da comunidade, desde suas primeiras ações na organização religiosa até os enfrentamentos mais recentes contra a destruição ambiental e a conquista da área de reserva<sup>9</sup>. Depois de sua leitura para todos, feita pela própria Dan, deixei todos à vontade para formarem grupos e formulassem alguma proposta de criação. Manifestaram o desejo de contar algo sobre a comunidade, só não sabiam o quê nem como exatamente o fariam. Diante disso, apontei possibilidades como a parada de máquinas realizadas pelas mulheres da comunidade e a tentativa frustrada das crianças em levar a discussão da luta da comunidade para a escola. A partir das tentativas de criação com essas possibilidades, vingou a ideia da parada de máquina como célula para o desenvolvimento da peça.

No encontro seguinte, levei impresso uma prévia do texto, construído com base nas propostas anteriores. A peça se inicia com cada atriz e ator caminhando até o espaço de encenação e, individualmente, ao dar forma a algum “pé de árvore”<sup>10</sup> típico do Cerrado local, diz o nome da planta que representa. Os nomes das plantas foram citados e escolhidos pelas próprias crianças durante os ensaios. Quem entra primeiro é a “cagaita”, seguida pela “mangaba”, “rufão”, “Araticum”, “Veludo”, “Araçá”, “Murici” – esta sempre arranca risos a parte da plateia, por ser a menorzinha de todas – seguida pela “Morcegueira”, “Conde” e “Pequi” e os tratoristas. Depois disso todos declamam o poema de abertura, que conta um pouco da história da comunidade<sup>11</sup>. Após esse momento entram em ação os tratoristas, que dão início ao corte das árvores arrastando com os pés uma corda, que simboliza os correntões que são fixados às traseiras desses

---

<sup>9</sup> Em 2014 foi decretada a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável “Nascentes Gerazeiras”, que além de Água Boa 2, engloba dezenas de outras comunidades de três municípios, Rio Pardo de Minas, Vargem Grande do Rio Pardo e Montezuma.

<sup>10</sup> Mantive a expressão “pé de árvore” por remeter ao linguajar local, de crianças e adultos ao se referirem as árvores em geral.

<sup>11</sup> Meu senhor, minha senhora / Peço licença pra contar / Um tiquin de nossa história / Da luta de nosso lugar / Somos comunidade gerazeira / O cerrado é nosso lar / Precisamos dele em pé / Pra água poder rolar / Dele depende o nosso sustento / Muita coisa tiramos daqui / A cagaita, mangaba e rufão, / lenha, planta medicinal e pequi / Mas aqui chegaram empresários / Que não respeitam a natureza / Pensam só no lucro / Destroem tudo com presteza / Mas sem mata não tem água / E sem água não dá pra viver / Por isso seguimos na luta / Pra nosso território proteger.

maquinários. Dessa forma, derrubam toda a mata, o que é representado pelas crianças árvores que caem e se deitam ao chão. Em seguida, algumas das árvores caídas se transformam em um grupo de mulheres que conversam sobre um assunto qualquer, até que chega outra apavorada, avisando as outras sobre o desmate que estaria ocorrendo numa área de chapada, chamada de Areião, no território da comunidade.

A cena continua com as “mulheres” iniciando a “marcha” da subida pelas encostas da serra, até o local do desmate, o que é representado pelas meninas rodeando as outras árvores ainda caídas, cantando “Irá chegar, um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo mar... e nesse dia, os oprimidos, numa só voz a liberdade irão cantar...”<sup>12</sup>. No local do destino, elas travam uma discussão com os funcionários da firma que, vendo a disposição das mulheres em não desistirem, encerram as atividades de corte. A peça acaba com os atores cantando a música “Andorinhas”<sup>13</sup>.

Essas cenas remetem as relações espaciais conforme apontadas pelas geografias das infâncias (Janer, 2008) e condensam diversos aspectos das relações tradicionais territoriais locais, como as de parentesco, do senso de coletividade, do cuidado, da prontidão e coragem diante dos problemas sociais e ambientais locais. Como delineado pela perspectiva do etnoteatro (Salgado, 2013), essa seria uma forma de ação dramática construída a partir de dados etnográficos e conflitos reais vivenciados pelas comunidades, seguindo uma ótica de valorização dos laços, dos interesses e modos de viver comunitários.

A apresentação de estreia da peça ocorreu durante a XI Romaria do Areião, no dia 3 de outubro de 2021. Era um domingo ensolarado e na igreja, umas vinte pessoas participavam do culto que antecede a caminhada. Após os avisos finais, iniciamos a subida, puxando cantos de caminhada: “É Jesus este pão de igualdade, viemos pra comungar, com a luta sofrida do povo que quer, ter voz, ter vez, lugar...”<sup>14</sup> Após a subida ao alto da chapada do Areião, tendo cumprido todos os rituais previstos, como a missa, as reflexões, e a descida, que se deu pela cabeceira do córrego Santana, outro ponto de conflito na comunidade, nos dirigimos novamente ao salão, para apresentação da peça e finalização da Romaria. Logo após o almoço, chamei as atrizes e atores para uma concentração num quartinho recentemente construído ao fundo, entre o salão e a igreja, onde fizemos a oração do Pai Nosso e gritamos um sonoro “MERDA”.

---

<sup>12</sup> Domínio público. Cantiga que faz parte do repertório de cantigas usadas pelos militantes durante momentos ritualísticos e que fazem menção as lutas das comunidades.

<sup>13</sup> Letra e música do compositor Marcus Viana

<sup>14</sup> Canção “Se calarem a voz dos profetas” de Antônio Cardoso.

Ao final da apresentação, abri a palavra para a plateia, como de costume. Moradores e lideranças destacaram a importância de crianças falarem da história da comunidade. Mães orgulhosas, uma chega a dizer: “a gente fica toda toda com essas coisas” e destaca a capacidade de sensibilização das crianças. O Padre pontua o protagonismo das crianças, que em trabalhos como esse estão dando continuidade à luta da comunidade. Dos comentários surgidos, destaco uma semelhança com o que ouvi da apresentação em Sobrado. Referem-se ao encantamento causado pelo fato de crianças estarem contando histórias de suas comunidades. Essas performances, que rememoram outras performances, fazem o salto do cotidiano em relação ao passado, com pinceladas de ressignificações pelo olhar das crianças. Pistas de que possam ocorrer reconexões dos adultos com as crianças e destas com o território aparecem intermediadas pela narrativa da luta pelo território. Algumas daquelas crianças estavam nos colos de suas mães quando estas subiram as encostas da chapada do Areião para enfrentar “as máquinas”, demonstrando que se trata de revivências adultas e (re) vivências dos infantes, portanto.

A questão da frequência menos espaçada do tempo entre os encontros e tendo esses maior tempo de duração, certamente contribuiu para maior fluidez do processo se comparado com a experiência em Baixa Grande. O resultado foi que em Água Boa 2 os participantes mantiveram uma conexão mais constante com o trabalho. Surtiu bom efeito também a estratégia de começar mais cedo as tratativas com o processo de criação de cenas voltadas à apresentação, como me alertara Tata, em Baixa Grande. Suspeito realmente que um tempo prolongado com preliminares (exercícios, treinamentos, alongamentos, dinâmicas, etc.) possa de fato comprometer o interesse do grupo, pelo menos de um modo geral – por mais que insistamos ou tentemos fazer com que estes elementos sejam voltados a criação cênica. Reflexões como estas, que surgem durante experiências concretas, demonstram como a escuta das crianças contribui para viabilizar seu protagonismo (Hartmann, 2017) e como a prática em si proporciona mudanças nos rumos e entendimentos do próprio trabalho, reorientando metodologias, significados, ações e possibilidades de resultados (Hasemann, 2015).

Para além da criação teatral, interessa notar como as crianças se envolviam com o ambiente usado para os encontros, que não ficou circunscrito ao salão. A proximidade com outros espaços, como áreas com plantas do Cerrado ao redor, que eram utilizados até mesmo em momentos de “descanso”, para brincadeiras, parece ter contribuído para fluidez e leveza durante os encontros. Na parte dos fundos da casa de sementes – outro

local que usamos para os encontros – por exemplo, havia um pequizeiro com um galho que sempre servia de gangorra, principalmente para as meninas. Noto que estas variações de utilização do espaço, seja espontaneamente para brincadeiras, seja para executarem atividades propostas, contribuem para o dinamismo nos trabalhos, não deixando de ser também um contato mais frequente e diversificado com espaços centrais na luta pelo território. Nesse sentido, a meu ver, se relacionar com os espaços é se relacionar com a luta. Para Jader Janer (2008), essa relação da criança com o espaço aprofunda sentidos de pertencimento e de protagonismo na construção cultural, ressignificando sentidos de si próprio e do lugar onde se habita.

### **Caminhando com Bento e Duda: guias de outras territorialidades geraizeirinhas**

Em Moreira, que também fica à 18 quilômetros da sede urbana, desde as primeiras conversas com os lideranças sobre a possibilidade de realização da oficina, eles me informavam que iria participar uma quantidade reduzida de crianças, pois eram poucas as que moravam no território. A isso, eu respondia que não seria problema, desde que o pequeno grupo fosse comprometido. A apresentação da proposta aos moradores ocorreu em meados de novembro de 2021, numa manhã de domingo após o culto da igreja católica. Na ocasião, ratificaram que iriam participar sete ou oito crianças, contudo, os primeiros quatro encontros, que ocorreram entre novembro e dezembro daquele ano, contaram com dois a cinco participantes.

No primeiro encontro, ocorrido em 20 de novembro, compareceram um total de 5 meninos, de idades de 5 a 10 anos. Ali conheci o Bento, de oito anos, que em sua apresentação não se contentou em apenas dizer que gostava de jogar futebol e emendou com histórias de várias quedas e machucados que “ganhou” com suas travessuras, terminando com um “já sofri nessa vida!”, retirando risos de todos. Era um garoto bastante ativo e, assim como dois dos outros, dados a disputas. Em diversas vezes, assim que eu chegava em frente ao salão, não via ninguém, porém, alguns segundos depois, surgiam os três pela estrada disputando corrida, numa gritaria estridente, para verem quem chegava primeiro ao salão.

Os encontros seguintes sofreram desfalques de um a três dos participantes deste primeiro dia, o que comprometeu o fluxo dos trabalhos e me levou a interromper momentaneamente a oficina e tentar outra estratégia para mobilização. Por sugestão de

um jovem catequista local, tentamos realizar os encontros após as reuniões da catequese, que ocorriam aos sábados na parte da tarde, o que facilitaria a participação das crianças que frequentavam a programação religiosa já que não teriam que se deslocar até o salão outras vezes. Retomamos os encontros em maio de 2022 e conseguimos o envolvimento de outros participantes, sendo um menino de 6 anos, duas meninas de 9 anos e outra de 10. Contudo, dos que participaram anteriormente, apenas um permaneceu. Prosseguimos com os trabalhos na tentativa de desenvolver uma ideia de iniciativa da comunidade, que seria envolver as crianças do teatro num trabalho conjunto com o grupo de Folia de Reis da comunidade, com o qual conseguimos realizar somente um momento, marcado por cantorias entre o grupo e as crianças. Devido às dificuldades de frequência dos participantes, não foi possível a continuidade dos trabalhos em Moreira e nem a construção de um resultado cênico.

Ainda que em Moreira não fora possível a conclusão do processo da oficina, foi lá que ocorreria, de modo concreto, situações que levaram ao que eu chamaria de uma reviravolta metodológica no trabalho. Atento a dificuldades para observar elementos da vida cotidiana e outras possibilidades performáticas das crianças participantes das oficinas, para além do que ocorria nas atividades teatrais, notei já durante os processos nas outras comunidades, que precisava sair das “quatro paredes” dos salões. Percebi que precisava participar ou promover outras vivências, para captar outras percepções das crianças sobre o território. Uma das alternativas que encontrei para buscar outras pistas das territorialidades geraizeirinhas foi através de caminhadas realizadas com as crianças e adolescentes das comunidades.

No último encontro de 2021, da oficina em Moreira, ocorrido no mês de dezembro, compareceram apenas os meninos Bento e Duda, de 8 e 10 anos, respectivamente. Depois de alguns minutos, vimos que não iria comparecer mais ninguém. Então, ao invés de realizar o programado para a oficina, pedi a eles para me mostrarem os lugares da comunidade que mais gostam de visitar. Bento a princípio disse que não tinha nenhum lugar para mostrar, já Duda falou que gostava muito de ver a barragem, e se animaram imediatamente em me guiar até lá. Eu já conhecia aquele local, mas ainda não havia sido mostrado a mim por uma criança.

Bento, passando a frente de Duda como guia, explicou que para ir até a barragem, daria para cortar caminho por um terreno de um particular, ao invés de seguirmos pela estrada, que seria um pouco mais longe. Perguntei se o dono não se importaria e me espantei um pouco com a naturalidade com que Bento respondeu “pode

ser que sim”, já que não fazia muito tempo que alguns ladrões teriam invadido aquele terreno, segundo ele. Daí eu disse que não haveria problemas em irmos pela estrada mesmo, já que nem era tão longe assim – a distância do salão até a barragem não chega a dois quilômetros. Duda não opinou e, devido sua personalidade mais sossegada, parecia preferir ir pela estrada mesmo. Já o Bento, à medida que andávamos, fazia-me lembrar de mim mesmo, quando tinha idade próxima a sua, já que também era dado estripulias.

Seguimos com Bento contando suas histórias e mostrando os lugares que costuma explorar, sozinho ou em grupo, como no local de encontro da equipe de pedalada, um espaço semi aberto no meio da mata, há alguns metros da estrada. Depois eles me mostraram uma cacimba onde o Bento contou a história de um tombo de bicicleta que levava ali. Seguimos para a barragem com Bento sempre procurando fazer caminhos alternativos. Enquanto eu e Duda andávamos pela estrada normal, de terra batida, por onde passam os veículos automotores, Bento avançava adentrando-se por trilhas do outro lado das cercas de arame que separam as mangas da estrada. Acabou furando o pé com espinho num deles, nada grave, apesar do grito de dor no momento, que logo se abrandou. Não tive como conter o riso, ao lembrar que em todas as histórias do Bento, sempre tinha o fato dele se machucar. Já de frente pra barragem, Bento resolveu subir a encosta do morro do outro lado da estrada, por onde, como dissera, teria uma visão melhor.

Na volta, pelo mesmo caminho, passamos pelo salão e fomos até um córrego que atravessa a estrada. Foi o local em que Bento quis me mostrar, já que, enquanto caminhávamos, se lembrou que gostava daquele local, que é próximo a sua casa. Com esse exercício foi possível perceber outras dimensões das relações das crianças com o lugar, mesmo que em tão curto momento (não durou mais que 01:30 hr os dois trajetos). Para além de falar sobre os lugares que gostavam de ir ou coisas para fazer, percorrer os espaços fez reviver memórias das crianças, suas aventuras, outros lugares que tem sentido pra elas. Percebo que a liberdade que têm para circular pelo território é fundamental nestas relações e vai gerando memórias e significados – “um cantinho escondido na mata, como local de encontro do grupo de pedalada”, “a cacimba onde tomei um tombo”, “o córrego onde gosto de tomar banho”, os caminhos alternativos pelos quais desviam das previsibilidades dos adultos, o silêncio e sossego contemplativo de Duda, e por aí vai.

No artigo “Caminhando com Miguel”, Justino (2021) demonstra como pode descobrir diversas facetas do bairro onde pesquisava, em Cabo Verde, sobre as relações de parentesco e redes de sociabilidade, por exemplo, a partir de caminhadas guiadas por uma criança moradora do local. As crianças, como coloca o autor, seguem lógicas próprias de circulação, diferente dos adultos. Estes teriam um “senso mais prático”, ou seja, seguiriam por caminhos mais diretos em suas trajetórias.

Durante as oficinas, em Baixa Grande e Água Boa 2, e também na de Sobrado, percebia que de um modo geral, havia certa limitação ou vagueza quando pronunciavam fatos, causos, histórias ou situações que desvendassem melhor suas relações com os territórios. Concluo que as dinâmicas durante as oficinas, portanto, não estariam sendo capazes de engatilhar manifestações mais profundas ou pelo menos mais detalhadas nesse sentido. As práticas sinalizavam que seria necessário sair dos salões e dos exercícios conduzidos por umicineiro. Percebo, em todos esses lugares onde propus oficinas, que as crianças necessitam dessa liberdade de circular e explorar cantos além paredes dos salões, muitas vezes fora dos olhos dos adultos. Como diz Justino (2021, p. 81), ao observar o cotidiano das crianças cabo verdianas, torna-se possível entender “a infância como uma experiência que acontece ‘em movimento’, ou seja, a criança se faz circulando nos espaços, seja brincando, seja realizando *mandados* – e, nesta circulação, forjando relações sociais” (grifos do autor).

Por mais que alguns exercícios (no caso, teatrais) busquem explorar outras possibilidades expressivas, para além da verbalização – como técnicas para ativar todos os sentidos possíveis (visão, olfato, tato, audição, sons), as sensações, sentimentos, memórias – eles se esbarram em alguns limites. E isto ocorre, ao que parece, devido o fato de tal experiência estar se dando com certo controle de alguém de fora do grupo das crianças (no caso, umicineiro adulto) e sem os elementos cotidianos que efetivamente geram ou estão presentes na experiência real, vivenciada por cada um dos participantes. Emilene Sousa (2014), ao propor uma etnografia dos sentidos, defende que as crianças aprendem e manifestam sobre o mundo através da experiência, e não da oralidade. Diz a autora que essa captura do mundo através da experiência gera uma narrativa dessa mesma experiência através de práticas. As crianças Capuxu “aprendem a se tornar crianças camponesas pelos sentidos, isto é, através do corpo. Pela experiência vivenciada pelos campos, com o ambiente e os animais, com a terra e as plantações” (Sousa, 2014, p. 50).

Foram vários os momentos nos quais, durante as oficinas, eu procurava estimular os participantes a narrarem fatos ou causos, ainda que banais, que tivessem vivenciado em suas comunidades. Mas como eles raramente o faziam, e quando o faziam era de modo vago, passei a crer que, de fato, não parece ser do mundo daquelas crianças verbalizarem essas coisas. Contudo, pinceladas desses elementos surgiam em momentos de pausa, ou situações antes ou após os encontros. Relembro aqui das meninas de certa comunidade que circulavam de motocicleta pelo território e chegavam pra oficina numa algazarra danada e das crianças em Água Boa 2 que brincam de gangorra num galho de pequizeiro. São momentos de vivência espontânea no território, que vão gerando situações de afetividade e ressignificações. Já uma breve caminhada com os meninos de Moreira, conduzida por eles próprios, impulsionou, de forma mais viva, espontânea, e detalhada, narrativas de suas memórias com o território. Essas narrativas são contadas com o corpo em movimento, através da presença física em cada lugar. É contar uma história (re)vivenciando a experiência.

Essas vivências e (re)vivências das crianças através das narrativas demonstram a percepção que têm – ou produzem – dos territórios, o que fortalece a rede de significados e sentidos sobre o lugar em que vivem. Trazendo à tona as posições de Tim Ingold a respeito da aprendizagem infantil, Cruz (2017) aponta que o aprendizado intergeracional não se dá apenas por mecanismos mentais. Há um processo chamado por Ingold (2010) de educação da atenção, na qual ocorre a interdependência entre corpo, mente e ambiente, promovida através da experiência. Como diz a própria autora, “As crianças quilombolas dão sentido ao que fazem em relação com os significados que produzem sobre o ambiente e isso implica diretamente na constituição de uma noção de pertencimento em relação ao território no qual vivem” (Cruz, 2017, p. 35).

Contrapondo toda uma linha de pensamento, que coloca a cognição no centro da capacidade humana de aprendizado, Ingold (2010, p.7) assevera “que todo ser humano é um centro de percepções e agência em um campo de prática”. Nesse ponto, penso que seja possível relacionar o sentido de experiência em Ingold (2010) com o de vivência, de Vigotski, trazido por Fernandes e Lopes (2018). Experiências e/ou vivências estas capazes de produção e reprodução cultural, surgidas a partir do próprio enraizamento cultural. Isso forneceria as bases para a (re) interpretação ou (re) elaboração cultural, demonstrando o potencial criativo da pessoa, por meio do qual “fica evidente a forte vinculação entre território e cultura na configuração da localidade considerando um universo simbólico, ancorado nos campos de sentido e significado que os seres humanos

constroem na e pela relação com seu espaço” (Fernandes; Lopes, 2018, p. 142). Se para Lopes (2008), o espaço é central para a configuração das culturas e territorialidades infantis, no caso dos geraizeirinhos vemos na relação com o ambiente os elementos concretos para definição dos sentidos e significados que vão estabelecendo com o lugar, gerando, portanto, territorialidades próprias.

De todo modo, por meio das performances teatrais realizadas, analisadas aqui tanto do ponto vista artístico e político, como também etnográfico, foi possível perceber a predisposição das crianças e adolescentes para uma atitude artística comprometida politicamente, com contornos estéticos que podem oferecer perspectivas libertadoras. As narrativas escolhidas para virarem cenas demonstram interesse dos participantes com a realidade e as lutas no interior de seus territórios. Os processos de construção teatral permitiram às crianças e adolescentes o desenvolvimento de territorialidades próprias, a partir do momento em que foi dada vazão para que prevalecesse a visão dos mesmos sobre a comunidade ou servisse de base para elaboração das cenas.

Em Água Boa 2, assim como ocorreu em Sobrado, os corpos e vozes dos pequenos se prestaram à narrativa dos conflitos vivenciados pelas pessoas do lugar onde moram. As crianças e adolescentes executaram performances de memórias locais que já guardavam em si o peso da dramaticidade, com base numa narrativa real, que por si só já configura as formas em que se dá o desenvolvimento da territorialidade dos moradores com seu local de morada e de vivência. Na interação com os adultos, estes atestam a importância da narrativa sendo contada pelas crianças do lugar, gerando outros significados para a luta. Para os adultos, o fato de as crianças conhecerem e contarem a história de luta da comunidade contribui para fortalecer e perpetuar o processo organizativo, visto que os pequenos, ao se envolverem diretamente com esses processos, poderão crescer com a consciência da realidade opressora ao seu redor.

Em Baixa Grande, na busca por atender uma demanda comunitária, tivemos um protagonismo adolescente atento aos compromissos e valores religiosos, o que é tido como de extrema importância para o modo de vida local e para a coesão coletiva e organização comunitária (Costa, 2019). Ser ativo e participativo na comunidade é frequentar e protagonizar eventos e espaços organizativos promovidos pela comunidade, incluindo os religiosos – no caso, um evento proposto pela Pastoral Familiar. Seus corpos e vozes deram vazão à provocação de questões a partir do que veem como problemas na comunidade no âmbito familiar, como brigas por herança, agressividade, machismo, fofoca e alcoolismo, por exemplo.

Em todas essas experiências, percebo a possibilidade da prática teatral, analisada enquanto performance cultural, sendo veículo propulsor de transformações ou mesmo contribuindo na intensificação de transformações em curso. Isso ocorre seja como espaço de fortalecimento do protagonismo das crianças e adolescentes no seio comunitário, seja como elemento alimentador dos processos de luta. Tais transformações ocorrem tanto em quem executa, quanto em quem assiste, a partir do acontecimento que se dá através da copresença física, como apontam autores como Schechner (2011a), Turner (2008) e Langdon (2007) em suas concepções de performance.

Vale ressaltar que tais transformações ocorrem por meio das performances em intrínseca relação com a comunidade e com seu território, já que tem como bases para seu acontecimento os padrões e valores comunitários e sua identificação com os processos de defesa territorial. Entendo que as crianças e adolescentes estão vivenciando o território ao mesmo tempo em que o ressignificam e o modificam a partir de suas capacidades expressivas por diversas dessas formas. Isso ocorre seja interagindo com demandas e costumes existentes na comunidade, como por exemplo, na participação ativa em eventos religiosos e sociais, seja apontando questões que veem como pontos críticos desses próprios costumes. Enfatizo que essas transformações permeadas pelas práticas teatrais nas comunidades geraizeiras não se dão de forma isolada. Pelo contrário, são deslocamentos que contribuem para fortalecer transformações já em curso, ao mesmo tempo em que decorrem como consequência delas.

## REFERÊNCIAS

COSTA, João-Batista de Almeida; **Nossas raízes, nossa cultura - a vida na comunidade geraizeira de baixa grande**: relatório antropológico de caracterização de identidade e territorialidade da comunidade de Baixa Grande. Rio Pardo de Minas, 101 f., 2019.

CRUZ, Luciana Soares da. **“Eu disse!, aqui é bonito demais!”** – Ser criança quilombola na comunidade Olhos D’água dos Negros. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Piauí. Teresina/PI. 2017.

HARTMANN, Luciana. Desafios da diversidade em sala de aula: um estudo sobre performances narrativas de crianças imigrantes. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 37, n. 101, p. 45 – 64. 2017.

HASEMAN, Brad. **Manifesto pela Pesquisa Performativa**. Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP / organização: Charles Roberto Silva; Daina Felix; Danilo Silveira; Humberto Issao Sueyoshi; Marcello Amalfi; Sofia Boito; Umberto Cerasoli Jr; Victor de Seixas; – São Paulo: PPGAC-ECA/USP, v.3, n.1, 2015.

INGOLD, Tim. **Da transmissão de representações à educação da atenção**. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

JUSTINO, André Omisilê. Caminhando com miguel: estratégias para a pesquisa com crianças em cabo verde. **Áltera**, João Pessoa, v.2, n.13, p. 75-101, jul./dez. 2021.

LANGDON, Esther Jean. Performance e sua diversidade como paradigma analítico: a contribuição da abordagem de Bauman e Briggs. **Ilha - Revista de Antropologia**, Florianópolis, n. 94, p. 162 – 183. 2007.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias**: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infância. Contexto e educação. Editora Unijuí. Ano 23. Nº 79. p. 65-82. Jan./Jun. 2008.

NOGUEIRA, Mônica Celeida. **Gerais a dentro e a fora**: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. Brasília, Mil Folhas, 2017.

SALGADO, Ricardo Seiça. **Etnoteatro como performance da etnografia**: estudo de caso num grupo de teatro universitário português. Cadernos de Arte e Antropologia. V. 1, p. 31-52. 2013.

SALGADO, Ricardo Seiça. **A política do jogo dramático – CITAC**: Estudo de caso de um grupo de teatro universitário. Tese (Doutorado em Antropologia Social) apresentada ao Instituto Universitário de Lisboa - ISCTE-IUL. Lisboa, 2011.

SCIALOM Melina; FERNANDES Ciane. **Prática artística como pesquisa no Brasil**: Reflexões iniciais. Revista de Ciências Humanas, Viçosa, V.22. N. 2.2022.

SHECHNER, Richard. Performers e expectadores – transportados e transformados. Moringa, João Pessoa. V.2, n. 1, p. 155-185, 2011.

SOUZA, Jonielson Ribeiro de. **Corpos e gritos de desencurralamento**: Performances como expressão das territorialidades geraizeirinhas. Tese (Doutorado em Performances Culturais). Goiânia/GO: PPGPC/FCS/UFG. 2024.

SOUZA, Jonielson Ribeiro de; NOGUEIRA, Mônica C. Drama social, experiência e a resistência geraizeira em performances de desencurralamento. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 23 n. 2, p. 334-359, set. 2021.

SOUZA, Jonielson Ribeiro de; HARTMANN, Luciana; NOGUEIRA, Mônica C. Performances de resistência comunitária: o grito de desencurralamento dos geraizeirinhos de Sobrado. **Educação Online**, Rio de Janeiro, n. 38, set-dez 2021, p. 134-155.

SOUZA, Jonielson Ribeiro de; SAUER, Sérgio. Antagonismo e reciprocidade na (re)afirmação identitária dos geraizeiros: luta por território e água no norte de Minas Gerais. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 676-699, out. 2020.

SOUZA, Jonielson Ribeiro de. **Terras geraizeiras em disputa:** os processos de autoafirmação identitária e retomada territorial de comunidades tradicionais de Rio Pardo de Minas frente à concentração fundiária. Dissertação de Mestrado - Centro de Desenvolvimento Sustentável / Universidade de Brasília. Brasília - DF 228 f. 2017.

TURNER, Victor. Dramas sociais e metáforas rituais. In: **Dramas, campos e metáforas:** ação simbólica na sociedade humana. Niterói. EdUFF, 2008.